

# UM OLHAR CONTEMPORÂNEO PARA A FILANTROPIA PRÁTICAS REGENERATIVAS DE DOAÇÃO

---

**ANA BIGLIONE E  
JOANA MORTARI**

2022



# ÍNDICE

---

O que o momento pede de nossa filantropia: uma pequena introdução.....	04
A filantropia institucional brasileira: como chegamos até aqui?.....	05
Modos de pensar que formam o doar brasileiro.....	07
Paradigma da distância e da separação e sua relação com confiança.....	07
Paradigma da abstração e aprisionamento das dinâmicas vivas em processos mecânicos.....	09
Forças de manutenção das dinâmicas de poder no campo filantrópico.....	11
O que significa regenerar e a filantropia regenerativa.....	13
Sobre regenerar.....	13
Práticas regenerativas de doação.....	14
Uma jornada rumo à integralidade .....	16

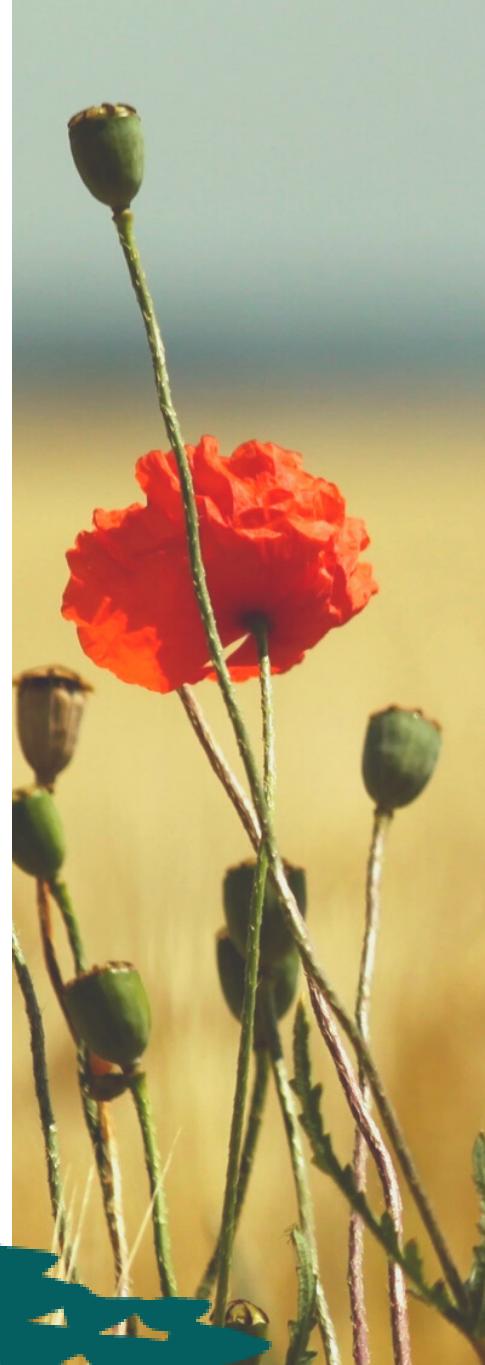


# RESUMO

Este artigo busca aprofundar a compreensão sobre padrões de pensamento que influenciam (com mais ou menos grau de consciência) a prática da doação no contexto brasileiro e, a partir daí, se propõe a discutir caminhos inovadores para a prática da doação a partir de ideias desenvolvidas nos campos econômico e filantrópico que têm sido denominadas regenerativas.

## /// ABSTRACT

*This article seeks to deepen the understanding of patterns of thinking that influence (with a greater or lesser degree of awareness) giving in Brazil and proposes to design innovative pathways for giving arising from ideas developed in the economic and philanthropic fields that have received the name of regenerative.*



## REALIZAÇÃO



## APOIO



## AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à Andrea Wolffenbüttel, Danielle Fiabane, Domingos Armani, Márcia Woods, Mariana Brunini, Nina Valentini, Pamela Ribeiro, Patricia Kunrath, Sílvia Morais e Tatiana Piva pela leitura inicial e valiosas contribuições. Ao sociólogo Zeca Teodoro pela gentileza com as Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e a Bruno Andreoni pelo apoio no design gráfico e projeto editorial.



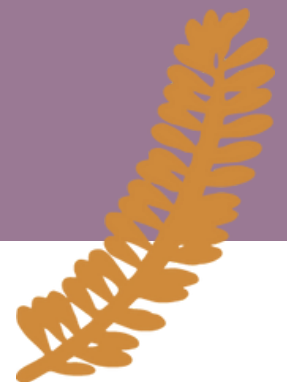


"A história não é simplesmente que a natureza precisa da humanidade para sobreviver, mas também que a humanidade deve redescobrir sua própria natureza e sua conexão com o mistério da vida, a fim de se transformar.

A regeneração é uma lei em todo o cosmos onde o mistério da vida envolve o processo de vida, morte, renovação.

Se quisermos encontrar nossa reconexão com a capacidade de transformar, devemos morrer, em certo sentido, para as compreensões limitadas da vida que agora prevalecem, a fim de encontrar um terreno mais profundo de imaginação a partir do qual crescer uma cultura humana mais genuína."

Micheal Meade  
(MEADE, 2021)



# O QUE O MOMENTO PEDE DE NOSSA FILANTROPIA: UMA PEQUENA INTRODUÇÃO

O termo filantropia vem do grego *philos* - amor - e *anthropos* - ser humano. A ideia que a palavra filantropia diz respeito é o amor ao outro, uma das características essenciais da humanidade. Nesse sentido, falar do início da filantropia é, em si, algo presunçoso: onde começam nossos atos de amor ao próximo?

Começamos por aqui desejosas de reconhecer que esta característica essencial não nasce com o que atualmente chamamos de filantropia, e é, na realidade, muito mais amplo do que compreendemos por ela. Ao longo do tempo a palavra filantropia foi se despidendo de seu sentido original e vestindo uma roupagem mais apertada, representativa de um campo de atuação específico. A filantropia que estamos aqui investigando diz respeito ao que entendemos como a *prática institucionalizada e/ou sistemática de doar recursos privados para fins públicos*.

Quais as características desta filantropia? Como nasce o doar organizado, institucional no nosso país? Quais suas origens, seus movimentos, e o que isso nos conta sobre ele? Que estruturas de pensamento e paradigmas orientaram - e orientam atualmente - o nosso campo filantrópico?

Sustentando a intenção de nos tornar mais conscientes sobre como gostaríamos de avançar rumo ao futuro, nos aventuramos primeiro em explorar o processo formativo da nossa cultura de doação, identificando comportamentos e valores que se expressam neste campo. Nossa intenção é compreender mais sobre os paradigmas presentes e buscar reconhecer onde seguimos perpetuando as situações de desequilíbrio socioambiental que desejamos transformar.

Parte do que nos inspira a esta pesquisa é o cenário de cansaço e certa inquietação sentidos por profissionais, como nós, que estão envolvidos há anos com o campo e que nos conta sobre um possível esvaziamento de sentido ou mesmo inadequação da forma atual das nossas práticas filantrópicas. Estamos vivendo aquele momento desconcertante que antecede a mudança, onde uma nova forma de fazer está por surgir, mas ainda não se fez clara, o que nos leva a atuar a partir de práticas conhecidas, ainda que sintamos que elas não são mais tão adequadas. Esse cansaço é a mudança - ou a necessidade de mudar - se anunciando para nós.

A escrita deste artigo é a nossa forma de tentar adentrar este novo que se aproxima e cooperar com o seu surgimento, problematizando as práticas atuais e buscando enxergar possibilidades de práticas filantrópicas que possam estabelecer novas dinâmicas de relação e regenerar o campo, a nós mesmos e a nossa sociedade. Afinal, uma prática filantrópica de fronteira, contemporânea e regenerativa, nos é devida.

# A FILANTROPIA INSTITUCIONAL BRASILEIRA: COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Diz-se que a prática filantrópica institucionalizada que conhecemos hoje foi fortalecida ao longo de vários séculos pelas chamadas sociedades cristãs ocidentais, e teve sua origem na antiga civilização grega. De algum modo, os atos individuais de cuidado do outro passam a ser organizados, estruturados e nomeados como caridade a partir da atuação da Igreja Católica, em tempos Greco-Romanos.

Assim como diversos aspectos culturais dos povos nativos brasileiros são até hoje desconhecidos (o que é, inclusive, parte do desafio da formação cultural brasileira como um todo), em termos da filantropia, é a partir da colonização portuguesa e da forte presença organizações católicas por eles fundadas no país que muitas vezes reconhecemos a estruturação de atos de doação no Brasil, não fazendo parte da 'história da filantropia' as práticas dos povos indígenas. Os atos de caridade são, desta forma, parte do processo colonizatório brasileiro, que avança fortemente autorizado por um pensamento de que os povos indígenas aqui encontrados precisam ser "civilizados" e, portanto, carregam em si mesmos uma contradição: afinal, a serviço de quê, ou de quem devem estar as práticas filantrópicas?

No Brasil colonial, há diversas formas de associativismo e processos de ajuda vividos entre pessoas pretas escravizadas e 'livres', e por volta da Independência do Brasil passam a surgir associações formais de ordem não religiosa, principalmente ligadas a questões trabalhistas e de interesse difuso, dando corpo aos primórdios do que hoje conhecemos como sociedade civil organizada.

Nos anos 30, com a ampliação do controle e participação do estado nas atividades então chamadas "sem fins lucrativos" e, posteriormente, com a ditadura militar, em meio a década de 60, todo o desenvolvimento deste campo sofre um amplo retrocesso.

É então, de um outro movimento da atuação da Igreja Católica, fortemente influenciado pelos teólogos da libertação, que nasce uma resposta no incentivo e criação de rede de apoio aos cidadãos e associações civis. As elites intelectuais e culturais se mobilizam, financiadas principalmente por recursos estrangeiros, e esse fenômeno é reconhecido como o alicerce que possibilita o surgimento do estado democrático, as bases para a universalização de direitos, e o desenvolvimento do assim chamado "terceiro setor" no Brasil (LANDIM, 1993).

A filantropia é em sua maior parte advinda de recursos internacionais e se consolida por algumas décadas no país, sendo responsável pela formação das primeiras organizações de fomento ao campo filantrópico brasileiro, como o Grupo de Institutos e Fundações Empresariais - Gife (1995), o Instituto Ethos (1998), o Instituto para o Desenvolvimento do

Investimento Social - IDIS (1999), entre outras. Começam a ser criadas as primeiras fundações privadas, expressão da mobilização da elite industrial brasileira e, a partir do final dos anos 90, o Brasil passa a ser reconhecido por seu potencial de crescimento econômico, o que gera uma migração dos recursos internacionais para outros países do eixo sul, esvaziando doações.

A filantropia empresarial é alavancada pela chegada das empresas estrangeiras e pela percepção da necessidade urgente de qualificação da mão de obra. Sua atuação, motivada predominantemente por necessidades de um público-alvo específico de funcionários, suas famílias e comunidades do entorno de suas fábricas, passa também a considerar aspectos relacionais - como 'licenças social para operar (ABREU, 2022) e, mais tarde, intenções de agregar valor à marca. Ao mesmo tempo em que acontece a diminuição dos recursos internacionais e se consolida um campo de investimento social privado empresarial, o volume inédito de recursos públicos direcionados à sociedade civil pelo Governo acabam por desmobilizar algumas iniciativas autônomas (IPEA, 2011) e culminam em duas décadas de uma desatenção coletiva à formação de uma sociedade civil doadora.

Da década de 2010 em diante é possível reconhecer uma crescente conscientização da elite filantrópica sobre a importância de fortalecimento do tecido democrático brasileiro por meio do fortalecimento das organizações da sociedade civil e da formação de uma sociedade civil doadora, bem como uma convergência positiva multissetorial para a construção de um novo Marco Regulatório para as Organizações da Sociedade Civil (MROSC) . Ainda que distintos movimentos filantrópicos continuem a existir, eles parecem se encontrar em torno do propósito comum de promover a cultura de doação no Brasil, o que tem potencial para mover a filantropia brasileira em direção a novos paradigmas.

# MODOS DE PENSAR QUE FORMAM O DOAR BRASILEIRO

---

"A história da doação mostra que as concepções contemporâneas de filantropia estão empobrecidas e precisam ser enriquecidas  
Paul Vallely  
(VALLELY, 2020)

Dentre os diversos fios que tecem a formação da filantropia brasileira, podemos reconhecer a tensão presente entre práticas filantrópicas que sustentam as dinâmicas de poder já estabelecidas na sociedade e aquelas que buscam mudanças nas relações sociais e estruturas de poder.

Em que momento uma prática que se pretende transformadora se torna parte da estrutura de manutenção das próprias dinâmicas sociais que deseja transformar? Esta é a pergunta que deve nos acompanhar sempre neste campo e que, facilmente, parece nos escapar. É ela que nos inspira a investigar os modos de pensar que formam o doar brasileiro, conscientes de que apenas ao conseguirmos enxergar camadas mais profundas do pensamento que se revela por meio da nossa ação filantrópica poderemos, de fato, regenerá-la.

Compreender algo de forma íntegra, significa observar suas características individuais e também o contexto no qual está inserido. A filantropia é uma forma de expressão do comportamento humano (social) e carrega, em suas diversas práticas, modos de pensar que estão imbuídos há décadas em nossa forma de pensar. E que, em nosso cotidiano, agimos sem sequer os reconhecermos em nossas próprias ações.

## **Paradigma da distância e da separação e sua relação com confiança**

O doador (em sua realidade social). A organização especialista em doação. Os consultores ou profissionais desta organização. As possíveis organizações a serem apoiadas. Os seus diversos projetos, mostrados em apresentações, dados e números. A equipe de profissionais que realiza o projeto. O receptor (em sua realidade social).

Essa é, atualmente, a cadeia de relação entre um doador institucionalizado e aquele que



recebe sua doação. Poucos doadores conhecem ao vivo e a cores a realidade de quem recebe seu apoio e, normalmente, essa relação é mediada por uma série de estruturas e outros envolvidos. As escolhas e decisões tendem a se justificar a partir de teorias de mudança, planos e análises, muito mais do que de um contato profundo e vivencial com a realidade.

Quanto mais distantes uns dos outros, menos sabemos sobre intenções, sentimentos e pensamentos, e maior o espaço para o desenvolvimento da desconfiança ou a necessidade de mediadores desta relação (de confiança). Comumente a atribuímos a desconfiança entre quem doa e quem recebe a causas históricas, como escândalos de décadas passadas que deixaram cicatrizes na prática filantrópica, ou ao comportamento do outro – no caso, das organizações sociais, que podem não estar fazendo 'o melhor' uso possível do recurso – reduzindo a problemática da confiança a suas facetas mais concretas e não atentando ao fato de que a distância é um elemento que corrobora com ela, seja no doar ou fora dele.

Um aspecto interessante para refletirmos sobre este distanciamento é o apontado pela historiadora americana Rebecca Solnit ao afirmar que o paradigma da separação não é mais simplesmente um processo natural de evolução da consciência humana que, atualmente, se encontra em ponto de desequilíbrio (como já apontado por James Hollis, psicanalista junguiano), mas que, em dado momento do século passado, o isolamento e a distância se tornaram uma ideologia intencionalmente defendida e difundida para a manutenção da estrutura de poder das classes sociais dominantes (SOLNIT, 2016).

Ao não se conscientizar e refletir sobre este distanciamento, o campo filantrópico acaba por corroborar com ele, intelectualizando e propagando a problemática da falta de confiança, tornando-a uma justificativa para a forma como estruturam suas ações. Enquanto quisermos superar a falta de confiança tentando controlá-la ao invés de identificar e compreender sua existência, estaremos dando a ela voz e força ao invés de enfraquecê-la, estabelecendo formas de atuação que a dissipem.

Exemplos práticos expressos no doar brasileiro a partir da desconfiança são a escolha da execução de projetos próprios[1] por doadores institucionais ou a estruturação da doação (grantmaking) em processos extremamente controladores. Onde não há confiança, o medo faz emergir a necessidade de controle. Claro que estes exemplos podem ou não ter em suas origens a falta de confiança e não temos, aqui, a intenção de generalizar. Cabe a cada organização doadora refletir sobre sua prática de maneira verdadeira e encontrar seus pontos cegos (MORTARI, 2021).

O ponto é que em organizações que reconhecem a existência da desconfiança como parte do tecido social ocidental moderno para além do trauma deixado pelas contundentes questões históricas brasileiras e da corrupção sistêmica latino-americana, as práticas

---

[1] Por projetos próprios entende-se aqueles executados por institutos ou fundações empresariais, independentes ou familiares.

possuem ênfase no desenvolver de relações que atuem também na mudança deste paradigma, atentando à distância e modo de relação com quem recebe suas doações, compreendendo que controlar é tentar sobrepassar o desafio do estabelecimento de confiança ao invés de endereçá-lo.

## Paradigma da abstração e aprisionamento das dinâmicas vivas em processos mecânicos

Algum tempo atrás, a Ponte a Ponte, uma organização que tem como foco qualificar a filantropia[i] publicou uma coleção de aprendizados sobre o campo social que trazia a imagem de uma pessoa de uma iniciativa social mergulhada em cálculos e números, pensando com feição desapontada: "Dá pra mensurar o brilho nos olhos das minhas crianças?". Esta pergunta icônica é apenas uma das que ecoam atualmente em meio às escolhas de gestão presentes nas organizações da sociedade civil.



Fonte: Ciano BuijonteAposte

O ato de doar nasce vinculado à nossa humanidade, aos nossos sentimentos de gratidão e solidariedade, e repleto de simbolismos. É ao longo do processo de institucionalização que ele vai sendo despido de suas qualidades emocionais e vestido com uma roupagem que exalta qualidades de transformação passíveis de serem medidas.

A principal corrente da evolução do pensamento humano atual se desenvolveu a partir da ideia de que todo fenômeno pode ser explicado a partir da relação entre sua causa e seu efeito, e que podemos dividir qualquer coisa em partes isoladas para analisar ou decifrar seu funcionamento. Com o passar do tempo fomos aprendendo a atribuir mais importância a características que são possíveis de serem expressas matematicamente, as quais chamamos de 'objetivas', e menos às demais, consideradas de natureza 'subjetiva'. Nas palavras de Henri Bortoft: "um dos principais objetivos da ciência positivista é a substituição do fenômeno por um modelo matemático (...). O resultado quantitativo é supostamente mais real do que o próprio fenômeno observado pelos sentidos" (BORTOFT, 1996). O que passa despercebido é que nesta visão considerada objetiva também há um filtro, um recorte sendo feito pela percepção humana, que atribui importância a algumas características em detrimento de outras.

Mergulhados no pensamento científico moderno (ao qual nos referimos por variados nomes que expressam parte de suas características: positivista, reducionista, dualista ou objetivista), vamos construindo também uma filantropia que atribui mais valor àquilo que pode ser expresso em números. Desenvolvemos teorias e modelos aos quais organizações,

projetos e - até mesmo a realidade em que atuam - devem se adequar, e não ao contrário. São criados inúmeros procedimentos que quase inevitavelmente se tornam burocráticos e que, no lugar de aproximar relações e aprofundar a compreensão sobre o desafio social que está em voga, costumam fragmentá-lo, de forma a encaixá-lo nos modelos ou teorias desenvolvidas, fechando um círculo que acaba por provar a si próprio (sua efetividade), mas deixa de se aprofundar na real questão. Doadores, se inconscientes de que estão atuando a partir da desconfiança, passam a gerar procedimentos que coíbem a liberdade de atuação e o desenvolvimento das organizações.

Ao se criar uma dinâmica em que são tantas as manobras de gestão necessárias para atender demandas e interesses distintos de uma miríade de financiadores, se torna quase impossível não perder o rumo, ou desconectar-se do real propósito e significado de sua atuação. Por mais paradoxal que possa parecer, coibir a liberdade de uma organização em relação à sua atuação e estratégias reduz também a responsabilidade que ela tem pelo que faz, diminui sua capacidade reflexiva e, com isso, de endereçamento mais profundo das questões com as quais trabalha. Sua atuação social, constrangida e perdida em meio a tantos aspectos que precisa atentar para conseguir doações, se torna menos capaz de ser responsiva ou flexível às mudanças da realidade, e mais a serviço da vontade e do tempo dos financiadores o que, inclusive, perpetua uma dinâmica de manutenção de poder.

Vale ressaltar que não se trata de uma crítica a processos que consideram métricas, mas, assim como a não consciência da doação a partir da desconfiança pode nos manter apegados ao controle, a não consciência sobre o modo de pensamento que estamos carregando em nossos processos de doação, pode nos levar à sensação de que números e métricas são a solução, desconsiderando o risco do aprisionamento da ação social em processos pré-definidos (estratégias teorizadas e abstratas) que distanciam as organizações da sua real capacidade de transformação e as reduzem a "sistemas operacionais", a operadoras da mudança ou prestadoras de serviço muitas vezes desconectadas de sua essência e potencial transformador.

"A verdadeira questão em torno das relações doador-receptor não mudou desde o início dos tempos: é a dinâmica do poder. (...) O que parece razoável e racional para o doador pode parecer intrusivo e arbitrário para o receptor."

Melissa Berman  
(BERGMAN, 2008)



## Forças de manutenção das dinâmicas de poder no campo filantrópico

"No setor de mudança social, assim como no resto de nossa sociedade, estamos começando a reconhecer que sofremos de um desequilíbrio de poder."

Nell Edgington  
(EDGINGTON, 2021)

Recentemente muito tem sido falado e escrito sobre dinâmicas de poder nas práticas filantrópicas. A existência de uma disparidade de poder entre grandes doadores, em especial, e as organizações que recebem os recursos, não é uma novidade. O que tem gradativamente mudado é o tom e a intensidade da conversa sobre tais diferenças; o que antes era timidamente expresso por uma minoria, geralmente taxada como radical e antagônica, agora está sendo amplamente e nitidamente reconhecido e discutido mundo afora.

Comida, abrigo, cuidados de saúde: a ajuda assistencial é de onde nasce o impulso da filantropia brasileira. Conforme vai avançando, o campo filantrópico acaba por desvalorizar a doação assistencial, atribuindo a ela, muitas vezes, uma conotação pejorativa e datada, e demora a começar a diferenciá-la de doações oriundas de uma cultura assistencialista. Enquanto as doações assistenciais, valiosas e necessárias, atendem uma necessidade presente e urgente na sociedade, e são um exercício de afeto e cuidado, as originadas da cultura assistencialista são um desafio, pois acabam por perpetuar o poder na mão de quem já o possui.

O desejo de uma atuação menos caritativa e mais emancipatória aparece como necessidade e como ativismo e, aos poucos, a filantropia passa a pensar mais alinhada à ideia de proteção e garantia de direitos. Novas nomenclaturas, como 'investimento social privado', 'filantropia estratégica' ou 'altruísmo eficaz' passam a ser utilizadas em busca de expressar esse novo olhar. Nascidas da percepção de que para além do cuidado, a doação tem potencial de mudança das causas que geram os problemas sociais, sua estrutura segue a lógica de mercado e pressupõe um retorno, ainda que, nesse caso, um retorno para a sociedade como um todo.

Na relação de investimento, no entanto, o detentor de recursos se vê na posição de decidir em relação a uma oferta de produtos que lhe são oferecidos e nos parece que, ainda que sem intenção ou consciência, a mesma lógica acaba colocando o doador no centro da escolha, detentor do poder. Outra característica formativa da relação de investimento é a obtenção do maior retorno possível sobre o recurso aplicado, e essa é uma lógica geradora

de controle e materialista. Quanto mais controle a organização doadora tem sobre os processos entre o desembolso do recurso e o resultado final, mais controle e poder ela tem sobre a mudança social intencionada e sobre a atuação da organização.

Quando falamos de poder estamos nos referindo à possibilidade de uma das partes da relação impor sua vontade sobre a outra, de maneira que aquela que não detém o poder percebe diminuída sua chance de agir em desacordo com a vontade de quem o possui, ou mesmo de sair dessa posição desprivilegiada no futuro. Ademais, para que alguém detenha poder faz-se necessário que outros reconheçam tal poder, fazendo com que os sem-poder sejam parte da manutenção do poder.

Por fim, outra característica inerente ao poder é sua força de atração: quando vozes periféricas (em relação ao centro de poder) começam a se erguer, estas são atraídas para o centro, onde a liberdade de pensamento e expressão de quem se aproxima é sugada pelo paradigma dominante expresso no centro. Edgar Villanueva, em seu livro *Decolonizing Wealth*, usa a metáfora das fazendas escravocratas agrícolas (plantations) para expressar esse fenômeno. Segundo ele, muitas vezes os escravos que se aproximavam da casa grande passavam a se comportar como senhores feudais em relação a outros escravos e que, da mesma forma, minorias chegam ao poder e percebem pouco espaço para atuarem de maneira diferente da cultura estabelecida, passando a replicá-la. A forma de pensar do centro de poder se mantém inalterada. Paulo Freire se refere ao mesmo fenômeno quando afirma: "Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor" (FREIRE, 1974).

No campo filantrópico, a expressão da manutenção do poder se dá tanto na tomada de decisão quanto na predominância da forma de pensar do doador, por exemplo em relação ao estilo de gestão da organização apoiada. Há uma valorização de ideias desenvolvidas a partir de processos de gestão empresarial, como eficiência e eficácia, sistematização e aplicação em grande escala, sem de fato reconhecer a aplicação de ideias que foram desenvolvidas para a produção industrial em processos humanos, ou suas consequências.

Aqui entra uma questão paradoxal do poder: é preciso que todos nos conscientizemos das dinâmicas presentes para que possamos atuar de forma a distribuir o poder entre todos os envolvidos, tornando-o uma força generativa ao desenvolvimento de todos e não apenas de alguns. Especialmente quando estamos no poder. Quanto mais poder detemos em nossas mãos, maior nossa responsabilidade de nos questionarmos e nos abriremos para sermos transformados - e não apenas transformar.



# O QUE SIGNIFICA REGENERAR E A FILANTROPIA REGENERATIVA

---

"Para abraçar um novo paradigma de conectar, relacionar e pertencer, em vez de dividir, controlar e explorar, primeiro temos que nos curar."

Edgar Villanueva  
(VILLANUEVA, 2021)



## Sobre regenerar

Regeneração é a capacidade dos organismos de se recompor, de se renovarem. É a revitalização da sua essência. Regenerar é uma insistência da vida, que busca pela saúde como princípio de existência. Regenerar reconhece o processo contínuo de vir-a-ser. Regenerar é sobre curar.

Uma atitude regenerativa em vez de explorar, destruir ou esgotar, implica em zelar por aquilo com o que se relaciona. É uma mudança radical na relação que estabelecemos, seja ela com recursos materiais, com a natureza ou com as outras pessoas.

John Fullerton nos alerta que essa mudança exigirá que adquiramos uma compreensão sofisticada e de conforto com a complexidade, que descubramos nossa humildade como espécie (FULLERTON, 2015). Em seus estudos sobre uma economia regenerativa ele descreve como nos acostumamos, por exemplo, a uma economia extrativista, que depende de usufruir de mão de obra, que retira recursos naturais sem se preocupar com sua perenidade, que privilegia uns em detrimento de outros e certas formas de conhecimento em relação a outras. Essa perspectiva está tão embrenhada em nossa cultura e dia a dia que dificilmente a percebemos, logo também não costumamos nos dar conta da profundidade de seus danos. Temos dificuldade de compreender que estamos gerando um ciclo que não é capaz de permitir sua própria regeneração, e de enxergar novas formas de nos organizarmos como sociedade.

Regenerar processos sociais significa, talvez em primeira instância, nos abriremos para ver, com coragem, tanto o que existe hoje como incoerências, como novas possibilidades.

## Práticas regenerativas de doação

"A mudança virá de baixo para cima, e não de cima para baixo, do indivíduo para a sociedade, e não da sociedade para o indivíduo. Não falo de revolução, mas sim de conscientização e transformação da realidade a partir de conceitos que ressoem na alma dos seres humanos que vivem no nosso tempo e têm carência de novas ideias"

Daniel Burkhard  
(BURKHARD, 2015)

A doação assistencial acontece em resposta a uma necessidade iminente do mundo, o impulso doador vem de fora e nos assola, convocando nossa ação de doar do âmago da nossa humanidade. A filantropia estratégica se forma a partir do desejo de organizar essa relação, ampliar sua efetividade, do encontro entre o que o doador deseja ver diferente no mundo e o que se faz necessário mudar. A filantropia regenerativa adiciona a essa relação uma camada reflexiva mais profunda tanto interna, quanto externamente. É como se pedisse mais de nós mesmos e também reconhecesse mais profundamente o mundo em que vivemos.

Uma ação filantrópica que se pretende regenerativa intenciona nos acordar para uma maior coerência com as intenções e necessidades mais profundas da tão desejada transformação. Ela reconhece que partimos de paradigmas desafiadores em nossa atualidade - como distância e separação, abstração e aprisionamento em processos mecânicos e outros tantos como racismo, machismo, colonialismo; e que isso faz com que, muitas vezes, ao não olharmos para eles, arriscamos agir (doar) de maneira a corroborar com as forças de manutenção destas dinâmicas de poder. Ela reconhece também que o caminho para um doar mais consciente, que não carrega despercebidamente privilégios, poder, desconfiança, abstrações, exige um árduo caminho de auto-reflexão, contínuo e desafiador, que questiona nossas próprias certezas. Reconhece ainda que a nova realidade que surge deste mergulho interno tem o potencial de ser uma força construtiva de uma nova dinâmica da vida social como um todo (não apenas da doação), e que a doação que emerge deste novo lugar tem o potencial de gerar mudanças sociais profundas que, inclusive, deslocam o próprio lugar de poder do doador.

Diferentes autores abordam a necessidade de mudanças na filantropia iluminando diferentes aspectos. Edgar Villanueva, por exemplo, destaca a característica colonizatória da civilização, chamando especial atenção para o privilégio branco e a necessidade de decolonizarmos a filantropia. O movimento Justice Funders, originário da Califórnia, nos Estados Unidos, propõe o que chamam de 'uma transição justa para a filantropia (JUSTICE FUNDERS, 2019) que vai de uma forma de pensar e doar extrativista (que perpetua as relações de poder) para uma regenerativa (que pressupõe uma parceria autêntica entre

doador e receptor, onde os últimos detêm o direito de desenhar caminhos para suas próprias vidas). Outros, como o Flow Funding (THE FLOW FUND CIRCLE, 2022) de Marion Rockefeller Weber, que busca infundir confiança, descoberta e aventura no processo de doação, ou como Projeto por uma filantropia com base na confiança (TRUST-BASED PHILANTHROPY PROJECT, 2022), que foca o olhar nas dinâmicas empobrecidas de confiança entre doador e receptor, e traçam caminhos bem práticos de mudanças para grandes doadores (grantmakers).

Esses movimentos todos apontam para uma gama de possibilidades de construção dessa qualidade regenerativa da filantropia, cuja responsabilidade de conhecer, experimentar e construir é, em primeira instância, dos próprios doadores. O não reconhecimento das dinâmicas de manutenção presentes na filantropia (como um todo e na sua própria), bem como da necessidade de mudanças, configura o que a autora americana Barbara Christian nomeia como 'crime da inocência'. Ao negligenciar ou se recusar a saber (ou a reconhecer) situações ou percepções que trazem dilemas éticos que obrigam uma pessoa a "agir de maneira a perturbar sua percepção de si mesma ou daqueles com quem se relaciona" (CHRISTIAN, 2001), estamos agindo de forma antiética em uma democracia, uma vez que essa prática torna a equidade impossível.

Nesse sentido, conversas sobre privilégio ou dinâmicas de poder não fazerem parte do debate filantrópico torna-se algo inaceitável. O próprio fato de serem uma 'não conversa' é um privilégio da estrutura que concentra o poder e perpetua essa concentração. Sair da inocência significa sair do conforto do desconhecimento, aprofundar nosso entendimento não apenas sobre desafios que estão mais evidentes, mas também daqueles que estão subjacentes como paradigmas. Significa questionar, muitas vezes, o caminho que foi escolhido até então. Significa buscar trazer para a consciência aquilo sobre o qual não temos consciência, de forma intencional e constante, para que possamos construir uma realidade distinta daquela a que estamos vivendo (e sendo parte criadora).

Os doadores, suas organizações filantrópicas, são responsáveis por e capazes de reestruturar a forma como seus recursos são doados. Podem intencionalmente atuar de forma mais cooperativa, restauradora e regenerativa. Podem corajosamente inovar em sua própria transformação, assumindo a responsabilidade que têm. E isso significa, necessariamente, se abrirem para mudar. Questionar – com perguntas reflexivas objetivas – sobre dinâmicas de poder e paradigmas subjacentes, qualidade das relações estabelecidas com seus parceiros, intencionalidade da sua ação e modos de operação vigentes, entre outras, podem nos ajudar a refletir criticamente sobre nossas ações filantrópicas e convidá-las a uma postura mais regenerativa (BIGLIONE & MORTARI, 2022).

Se até hoje a filantropia conseguiu promover melhoras em realidades sociais: educação, saúde e justiça social, não chegamos, ainda, em uma mudança mais profunda de paradigma ou status quo que, inclusive, diminua a necessidade da doação institucionalizada tal qual a conhecemos. Uma real transformação – longa e profunda – da sociedade depende da transformação de cada um de nós, e dos paradigmas que

sustentam cada uma das instâncias e estruturas que temos hoje na sociedade. Inclusive a filantrópica.

A forma que fazemos filantropia não é secundária, mas central. A filantropia não conseguirá alcançar a desejada transformação sem desenvolver práticas intencionais que dêem vida aos valores que tenta defender.

## Uma jornada rumo à integralidade

A ideia deste caminho pode parecer relativamente simples. Mas sua prática não o é. Nenhum processo de regeneração acontece de forma isolada. Ele é um processo do organismo como um todo, na sua relação com seu ambiente, com seu contexto. Cada parte influencia a outra e estamos imbricados e somos parte de um contexto que, majoritariamente, está na contramão dessa regeneração.

Práticas regenerativas são “baseadas em relacionamentos reflexivos, responsivos e recíprocos de interdependência” (MOVEMENT GENERATION, 2016) e a construção de relacionamentos que carregam essas qualidades são um exercício de desenvolvimento para todos nós, viventes das sociedades modernas. Significa que cada um de nós deve abrir espaço na nossa rotina atribulada do fazer para refletirmos juntos com verdade e profundidade. Significa dialogarmos com o desejo de escutar mais ativo do que o de falar, sendo capazes de construir novas respostas a partir do diálogo e da necessidade que se expressa através dele. Significa atuarmos em conjunto, construindo processos que exigem dedicação, acolhem diferenças e respeitam o tempo... entre tantos outros exemplos de modos de fazer que ainda que pareçam conhecidos, estamos desacostumados a realmente viver como prioritários e que exigem nossa própria transformação.

A ideia de que podemos transformar sem sermos transformados vai ficando para trás, e passamos a reconhecer que não sabemos exatamente como seguir esse caminho, tanto quanto não sabemos como deixar de seguir se realmente quisermos promover mudanças profundas na nossa sociedade.

Um dos ganhos potenciais deste processo corajoso de mudança é que, ao rumar na direção de uma filantropia mais contemporânea, estamos nos abrindo a regenerar dinâmicas que, como citamos anteriormente, estão no cerne das questões da nossa sociedade e sua desigualdade como um todo. Ou seja, ao fazer isso, contribuímos para uma mudança muito mais sistêmica e perene.

A filantropia, como campo profícuo das inovações, como berço de onde as grandes mudanças podem germinar, nos convoca a esse exercício.



“A mudança necessária é tão profunda  
que se costuma dizer que ela é impossível.  
Tão profunda que se costuma dizer que ela é inimaginável.  
Mas o impossível está por vir.

E o inimaginável nos é devido.”

Paul Preciado  
(PRECIADO, 2014)





## REFERÊNCIAS

ABREU, P. **Entrevista com Ian Thomson, diretor da On Common Ground Consultants Inc.** São Paulo, 31 jan. 2014. Disponível em: <<https://ideiasustentavel.com.br/pela-politica-da-boa-vizinhanca>>. Acesso em 01 jun. 2022

ARAÚJO, C. **Filantropia: breve histórico e análise comparativa.** São Paulo, 27 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/230642/filantropia--breve-historico-e-analise-comparativa>>. Acesso em 01 jun. 2022

BERMAN, M. A. **Interventionists abroad. Alliance Magazine. Individual giving - making it count.** v. 13, n. 2. London, 02, Jun. 2008. Disponível em: <<https://www.alliancemagazine.org/feature/interventionists-abroad/>> Acesso em 01 jun. 2022.

BIGLIONE, A.; MORTARI, J. **Perguntas rumo à uma filantropia regenerativa.** GIFE, Grupo de institutos, Fundações e Empresas. 21 jan. 2022. Disponível em: <<https://gife.org.br/perguntas-rumo-a-uma-filantropia-regenerativa/?lang=en>>. Acesso em 01 jun. 2022.

BORTOFT, H. **The Wholeness of Nature: Goethe's Way toward a Science of Conscious Participation in Nature.** New Edition. Lindisfarne Books, 1996. 424 p.

BURKHARD, D. **Nova Consciência; Altruísmo e Liberdade.** Ed. Antroposófica, São Paulo, 2015. 111 p.

CHRISTIAN, B. **The crime of Innocence.** In D. Batsteone & E. Mendieta (Eds.), *The good citizen* (pp. 51-64). New York: Routledge, 2001.

EDGINGTON, N. **Reinventing Social Change: Embrace Abundance to Create a Healthier and More Equitable World.** Vancouver: Page Two Books, 2021. 214 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FULLERTON, J. **Regenerative Capitalism. How Universal Principles And Patterns Will Shape Our New Economy.** Stonington, Connecticut: Capital Institute, 2015. Disponível em: <<https://capitalinstitute.org/wp-content/uploads/2015/04/2015-Regenerative-Capitalism-4-20-15-final.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2022.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Transferências federais a entidades privadas sem fins lucrativos (1999-2010).** Comunicado n. 123. Brasília, 2011. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111207\\_comunicadodoipea123.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111207_comunicadodoipea123.pdf)>. Acesso em 01 jun. 2022.

JUSTICE FUNDERS. **Just Transition for Philanthropy. An excerpt from Resonance: a Framework for Philanthropic Transformation.** Disponível em: <[http://justicefunders.org/wp-content/uploads/2019/01/Spectrum\\_Final\\_12.6.pdf](http://justicefunders.org/wp-content/uploads/2019/01/Spectrum_Final_12.6.pdf)> . Acesso em 01 jun. 2022.

LANDIM, L. **Defining the Nonprofit Sector: Brazil, Working Papers of the Johns Hopkins Comparative Nonprofit Sector Project**, in SALAMON, L. M.; ANHEIER, H. K. Baltimore: The Johns Hopkins Institute for Policy Studies, 1993.

MEADE, M. **Episode 240: The Mystery of Change. Living Myth.** [Voice by]: Michael Meade. 11 aug. 2021. Podcast. Disponível em: <https://livingmyth.libsyn.com/episode-240-the-mystery-of-change>. Acesso em: 1 jun. 2022.

MORTARI, J. **Aprofundando a Conversa sobre a Importância de Confiar - Parte I.** São Paulo, 21 jan. 2022. Disponível em: <<https://grantlab.gife.org.br/aprofundando-a-conversa-sobre-a-importancia-de-confiar-parte-i>>. Acesso em 01 jun. 2022.

MOVEMENT GENERATION. **From Banks and Tanks to Cooperation and Caring: A Strategic Framework for a Just Transition.** Disponível em: <[https://movementgeneration.org/wp-content/uploads/2016/11/JT\\_booklet\\_Eng\\_printspreads.pdf](https://movementgeneration.org/wp-content/uploads/2016/11/JT_booklet_Eng_printspreads.pdf)> Acesso em 01 jun. 2022.

PRECIADO, P. B. **O feminismo não é um humanismo.** In: Baêta, A. Territórios de Filosofia. 26 de novembro de 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/11/26/o-feminismo-nao-e-um-humanismo-beatriz-preciado/>. Acesso em 1 jun. 2022.

SOLNIT, R. **The Ideology of Isolation. Harper's Magazine.** United Kingdom: July 2016. Disponível em: <<https://harpers.org/archive/2016/07/the-ideology-of-isolation>>. Acesso em 01 jun. 2022.

THE FLOW FUND CIRCLE. **About Flow Funding What Is It.** Disponível em: <<https://www.flowfunding.org/about/whatisit.html>> Acesso em 01 jun. 2022

TRUST-BASED PHILANTROPY PROJECT. **Trust-based philanthropy in 4D.** Disponível em: <[https://static1.squarespace.com/static/607452f8ad01dc4dd54fc41f/t/61606874440b79448fb082c3/1633708148997/TBP+in+4D\\_Oct2021.pdf](https://static1.squarespace.com/static/607452f8ad01dc4dd54fc41f/t/61606874440b79448fb082c3/1633708148997/TBP+in+4D_Oct2021.pdf)>. Acesso em 01 jun. 2022.

VALLELY, P. **Philanthropy: From Aristotle to Zuckerberg.** 1st. ed. London: Ed. Bloomsbury Continuum, 2020. 768 p.

VILLANUEVA, E. **Decolonizing Wealth: Indigenous Wisdom to Heal Divides and Restore Balance.** Oakland, CA: Berrett-Koehler Publishers, 2021. 135

